

AS JANELAS, AS ESCADAS, AS PONTES E AS ESTRADAS
(Poema de uma emoção viajeira, reminescente.)

I

(As janelas e as escadas.)

As janelas das casas de muitos andares
São olhos com que me vêem
Passar na rua. Quem? Alguém?
As janelas das ruas distantes noturnas, desertas,
Nos bairros tranqüilos das cidades grandes;
– Da calçada, por onde vou, olho-as, e parece
Que as vejo de há muito tempo:
Medrosas, vulgares, incertas, curiosas,
Iluminadas, através das cortinas fechadas/entrefechadas
Sonolentas, semiveladas; adormecidas?
As janelas são marcos, fronteiras, limites
De invenções, de ambições, de desejos de horizontes;
São molduras sobre a paisagem em que me encontro;
Intimamente ornando interiores recantos onde estão:

Talvez se amando.

Estão talvez dormindo,

Sonhando, chorando, morrendo.

Janelas! Parece que de todas me acenam
Que em todas elas há relances de olhar;
Suponho que por trás de suas cortinas
Me espreitam, me esperam. . . parece
Que a qualquer momento, mão feminina
Me chamará, ou me fará sinal de adeus;
Para mim, caminhante solitário no deserto, no noturno.

Lembro-me, então, das escadas
E penso em subir, galgar suas cascatas
De uma água invisível, de tão transparente,
De uma água corrente com remansos nos patamares;
Mas das escadas o que ouço é um riso
Riso largo em que se vê toda a sua dentadura
De degraus, riso largo, de ironia
Para mim, caminhante deserto, no noturno e solitário.

II

(As estradas e as pontes.)

As estradas não páram. Para longe, que vão,
Vão, sem se mover/cansar. Permanentemente vão;
Quem quiser vai com elas, usa tudo o que é delas
Porque são boas, tão boas, tão amigas
Que ajudam a quem quiser correr,
A quem quiser simplesmente andar,
Ou, tropegamente, caminhar apenas. . .
Vão para o fim do olhar, em todas as direções desse fim;
– Rugosas, em rodeiras de lama, filmando um movimento
– Lisas, escorrendo o seu leito líquido-pastoso
Contêm as rodas, os pés acertam, amparam as muletas.

Dirigem

A velocidade-serpente, de anéis sucessivos,
Sempre desiguais, serpente de que amortecem o veneno. . .

As estradas saltam sobre os rios e os vales profundos
Em seus saltos de pontes, com distensões de músculos
Estáticos; imobilizam a vertigem dos abismos.

Pontes que são saltos de vara
Sobre os profundos paralisados;
E o rumor que por elas vai
Não consegue despertá-las do equilíbrio:
Seu sono-silêncio, seu sono-limite.

Os rios, embaixo caminham: estradas moventes
Com agitações de animal, às vezes mansas
à vezes selvagens
Caminham, escadas rolantes sempre descendo;
Colubream, coleiam. . .

As pontes são parte da estrada, são apertos de mãos
Que transportam de um lado para outro lado
– São São Cristóvão de cimento e ferro.

Mãos de duros nervos, de veias metálicas
Onde corre um sangue de quase eterna
Origem; são pulsos que vibram
No mesmo ritmo das estradas
No mesmo ritmo dos que passam
– Talvez, como eu, nunca para mais passar. . .

As estradas são cordas de um instrumento
Vibrando à passagem dos motores,
Deixando no ar nova música,
Onde há ritmos de horizontes
margeantes
Entre os sons das árvores marginantes.

Os rios às vezes se revoltam
Reúnem todas as suas águas
E investem sobre as pontes-argemas
Contra as estradas – muralhas de cárcere –
E se espalham felizes na planície
Em inundações gloriosas.